

Revista Brasileira de Ciências Humanas

Data de aceite: 10/09/2025

A CONSTITUIÇÃO DO SUJEITO NA TEORIA LACANIANA: FRAGMENTAÇÃO, DESEJO E A ERA DIGITAL

Alvaro Luiz Martins Nortok

Graduado em Filosofia Licenciatura pela Faculdade Entre Rio do Piauí, Bacharel em Teologia pela mesma Faculdade, Pós graduado em Psicologia pela Faculdade de Brasília Unyleya, Pós graduado em Psicanálise Clínica pelo Instituto ESPE, Curitiba e mestrandando do Curso de Filosofia da Psicanálise PUC- Curitiba.

Todo o conteúdo desta revista está licenciado sob a Licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional (CC BY 4.0).



RESUMO: Este artigo explora a concepção de sujeito na teoria de Jacques Lacan, analisando a fragmentação da identidade e o papel da linguagem na constituição do sujeito. A relação entre desejo, ausência e a influência das novas tecnologias digitais na subjetividade contemporânea também é discutida, destacando como o sujeito contemporâneo lida com as demandas da sociedade atual. Através de uma análise das fases de desenvolvimento do sujeito e da sua relação com pulsões e desejos, o artigo investiga como a falta e o desejo moldam a experiência subjetiva, especialmente na era digital. A obra de Lacan é reinterpretada à luz das interações contemporâneas, ressaltando a relevância da psicanálise na compreensão do sujeito moderno.

PALAVRAS-CHAVE: Lacan, sujeito, desejo, fragmentação, tecnologia, psicanálise.

INTRODUÇÃO

A psicanálise, especialmente a teoria lacaniana, oferece uma abordagem singular para compreender a constituição do sujeito. Jacques Lacan, um dos principais teóricos da psicanálise no século XX, propõe um sujeito fragmentado e instável, formado a partir da linguagem e atravessado pelas formações do inconsciente. Essa visão contrasta com a concepção freudiana mais tradicional de um sujeito coeso e unificado. Este artigo visa explorar a visão lacaniana do sujeito, destacando a centralidade do desejo e a influência das novas tecnologias digitais na subjetividade contemporânea.

A análise lacaniana não trata apenas da psicopatologia, mas também da forma como o sujeito se relaciona com seu próprio desejo e com a linguagem que o constitui. Partindo dessa premissa, o artigo se divide em seções que abordam a constituição do sujeito, o papel da transferência, o estágio do espelho e as implicações da era digital na subjetividade contemporânea.

A VISÃO DE SUJEITO: A CONSTITUIÇÃO DO SUJEITO

Na teoria de Jacques Lacan, o sujeito é compreendido como uma construção fragmentada e instável, originada na linguagem e atravessada pelas formações do inconsciente. Lacan reformula a noção de sujeito de forma radical, apresentando uma visão que desafia as concepções tradicionais da psicanálise. Segundo (Lacan 1985, p. 28), o “inconsciente estruturado como linguagem” opõe-se à redução do inconsciente a uma reserva de pulsões selvagens que não foram domadas pelo Eu. O inconsciente lacaniano é o espaço onde a fala transferencial é mobilizada, onde o sujeito (do desejo) inconsciente se deixa ouvir e pronunciar uma nova verdade, que escapa do símbolo. De um lado, isso torna a compreensão mais difícil; de outro, abre-se para uma maior compreensão de como ser sujeito na própria existência.

Esse conceito implica que o sujeito não é algo dado, mas sim um efeito das relações simbólicas. Essa estruturação do inconsciente revela que o sujeito é moldado não apenas por suas experiências internas, mas também pelas interações sociais e culturais que o cercam. Desde a tenra infância, a criança recebe inúmeras interações que contribuem para a formação ou desestabilização de sua personalidade, tanto em relação ao exterior experimentado quanto ao seu interior fragmentado. A fragmentação da identidade é uma questão central na obra de Lacan. Ele propõe que o sujeito se constitui a partir de uma ausência fundamental — uma falta originária que o define e o move. É essa carência estrutural que faz surgir o desejo, que está sempre direcionado ao que escapa, ao que não se tem. O «Outro», na teoria lacaniana, é o lugar de onde vêm os significados, os códigos da linguagem e as imagens com as quais o sujeito se identifica. Portanto, pensar o sujeito em Lacan é compreender como ele se forma

no entrelaçamento com o simbólico, sendo sempre atravessado por desejos, ausências e pelas palavras do Outro que o nomeiam e o sustentam. Essa dinâmica entre o sujeito e o Outro é fundamental para a psicanálise, pois estabelece um campo de significantes que moldam a experiência subjetiva e a identidade do indivíduo. Diante da constituição desse sujeito fragmentado pela sua experiência de eu e a dimensão simbólica do outro, como objeto ou sujeito em si mesmo há um desenvolvimento seguinte.

FASES DE DESENVOLVIMENTO DO SUJEITO

As fases da vida e identidade do sujeito vão acompanhando seu desenvolvimento. Lacan descreve que as fases subsequentes do desenvolvimento trazem consigo a relação sujeito-objeto. Se o sujeito vivencia as fases iniciais de forma saudável, estará mais preparado para lidar com pulsões e desejos ao longo da vida. Caso contrário, enfrentará complexidades adicionais em sua vivência humana, especialmente no que se refere às neuroses. Embora o tema das neuroses não seja o foco principal, é importante reconhecer como essas fases impactam a formação do sujeito e suas interações futuras. A vida adulta depende de como a subjetividade foi se formando no decorrer de sua infância e outras fases.

O autor Jacques Lacan é um dos marcos da psicanálise porque propôs uma reinterpretação radical da psicanálise de Freud, introduzindo o conceito de sujeito falante. De um lado a falta que poderá manifestar neuroses futuras ou dificuldades do sujeito em tantos relacionamentos ou interações internas e externas, de outro lado o sujeito da fala e da linguagem, da relação simbólica e manifesta.

Para Lacan, o sujeito não é somente um ser biológico ou psicológico, dotado de vida e movimento, mas um ser constituído pela linguagem.

Para Jacques Lacan, a linguagem desempenha um papel central na constituição do sujeito e no funcionamento do inconsciente. Ele reformulou a psicanálise freudiana ao enfatizar que “o inconsciente é estruturado como uma linguagem” (Lacan, 1973), o que significa que o inconsciente opera através de significantes e é organizado de maneira similar à linguagem. Isso implica que, para entender o sujeito, é necessário considerar a forma como a linguagem molda suas experiências e desejos.

Lacan distingue entre significante e significado, afirmando que “o significante é aquilo que representa o sujeito para um outro significante” (Lacan, 1973). Essa relação entre significante e significado é fluida, refletindo a dinâmica do desejo humano, que está sempre direcionado a um objeto que escapa à plena realização.

A linguagem também está intimamente ligada ao conceito de “Outro”, que representa a ordem simbólica e cultural em que o sujeito está inserido. O Outro é descrito por Lacan como “o lugar onde se articula a cadeia significante” (Lacan, 1973), sendo a fonte de significados e normas sociais que moldam a identidade do sujeito. A entrada na linguagem implica a submissão a essa ordem do Outro, onde o sujeito é nomeado e reconhecido.

Além disso, a linguagem está relacionada à noção de falta. Lacan argumenta que “a falta é o que constitui o desejo” (Lacan, 1973), pois é a partir dela que o desejo emerge. O desejo, como Lacan destaca, “nunca pode ser plenamente satisfeito, pois está sempre ligado a algo que o sujeito não pode alcançar” (Lacan, 1973), e a linguagem expressa essa busca incessante.

Por fim, Lacan divide a experiência humana em três registros: o Real, o Simbólico e o Imaginário. A linguagem é parte do registro simbólico, que organiza a experiência e a subjetividade. Essa tríade é crucial para entender como os indivíduos interagem com suas realidades psicológicas e sociais.

Em resumo, para Lacan, a linguagem não é apenas um meio de comunicação, mas a estrutura fundamental que molda a subjetividade, o desejo e a dinâmica do inconsciente. A forma como o sujeito se relaciona com a linguagem e com o Outro é central para a compreensão da experiência humana na psicanálise.

Ele acreditava que a linguagem é fundamental na formação da identidade do sujeito e que é através dela que o inconsciente se estrutura. Esse deslocamento enfatiza a ideia de que o sujeito é marcado pela falta e pelo desejo, sempre em busca de um objeto que nunca pode ser plenamente alcançado.

Nos seus seminários, especialmente “Os Nomes do Pai” e “A Ética da Psicanálise”, Lacan discute o papel do simbolismo e da cadeia significante na formação do sujeito. Ele demonstra como o sujeito falante está enredado em um campo de significantes, onde a falta é uma condição essencial da experiência humana. A fala é uma dessas cadeias de significantes que a subjetividade vem demonstrando e com essa forma de linguagem o que é externo e interno é demonstrado ou analisado. Diante desse tema do desenvolvimento do sujeito surge do mesmo algo que reafirma a estrutura do desejo, esse que nunca será saciado e o objeto a.

A ESTRUTURA DO DESEJO E DO OBJETO A

A ideia de que “o inconsciente é estruturado como uma linguagem” se torna central em sua obra, implicando que o desejo do sujeito é sempre mediado por uma falta que nunca pode ser satisfeita por completo. Em “O Seminário 20: Mais Além do Princípio do Prazer”, Lacan explora como essa estrutura do sujeito falante se manifesta na dinâmica dos desejos e na forma como a subjetividade é formada através da linguagem e das relações com os outros.

Para Jacques Lacan, a subjetividade é um conceito complexo que se refere à experiência individual de ser um sujeito, profundamente ligada à linguagem, ao inconsciente e às relações sociais. Ele argumenta que a subjetividade é constituída na relação com a linguagem, afirmando que “o inconsciente é estruturado como uma linguagem” (Lacan, 1973). Isso implica que a linguagem não é apenas um meio de comunicação, mas a estrutura que molda a experiência subjetiva. Pela linguagem que o sujeito se mostra. Isso pode acontecer especialmente na análise onde há o reavivamento das relações simbólicas de tudo o que foi vivido interpretando à luz do consciente partes anteriores que poderiam ter sido recaladas desde a primeira infância. A entrada no mundo simbólico — através da linguagem — é essencial para a formação da identidade do sujeito. Nesse mundo simbólico poderia destacar especialmente os sonhos e a sua interpretação. Segundo (JORGE, 2022 p. 169) “o sonho tem efeito de quebra-cabeças feito de figuras, no qual as imagens tem um valor de significante”

Lacan destaca nesses temas complexos que a subjetividade é marcada pela fragmentação. O sujeito não é um ser unificado, mas uma construção composta por partes que estão em constante tensão. A noção de que “o sujeito é dividido” é fundamental em sua teoria, onde a falta e o desejo são forças motrizes que influenciam a experiência subjetiva. Nesse contexto, a subjetividade é também moldada pelas relações com o Outro, que representa a ordem simbólica e cultural. Lacan introduz o conceito de “Outro” como um lugar de significação, onde o sujeito busca reconhecimento e validação. Assim, a subjetividade é sempre relacional e intersubjetiva, sendo influenciada pelas trocas simbólicas e sociais.

Além disso, a subjetividade é intrinsecamente ligada à noção de falta. Lacan afirma que “a falta é o que constitui o desejo” (Lacan, 1973). O desejo é, portanto, uma busca incess-

sante por algo que nunca pode ser plenamente alcançado, refletindo a condição da subjetividade humana. Essa falta é uma parte crucial da experiência subjetiva, pois impulsiona o sujeito em sua busca por satisfação.

Lacan também divide a experiência humana em três registros: o Real, o Simbólico e o Imaginário. A subjetividade é formada na intersecção desses registros, onde o Simbólico (a linguagem e as normas sociais), o Imaginário (as imagens e as identificações) e o Real (o que escapa à simbolização) interagem, também chamado de nó Borrromeano, ou seja, uma estrutura tridimensional em que o nó borromeano é formado por três laços que estão entrelaçados de tal maneira que, se um deles for cortado, os outros dois se desintegram. Isso simboliza a interdependência dos registros. Cada registro é essencial para a configuração do sujeito e sua experiência.

Por fim, para Lacan, a subjetividade está relacionada à busca pela verdade do sujeito. A verdade não é algo acessível de maneira direta, mas se revela através da análise e da interpretação das falhas e das fissuras na subjetividade. Por isso que de Lacan evidencia em seus escritos uma não aceitação ao “penso logo existo” de Descartes como uma verdade fechada sobre o sujeito e a subjetividade, mas que se abre na fenda ou no não dito e pensado estará a verdade central daquele que busca sua própria interpretação. Portanto, a psicanálise torna-se um caminho para explorar essa busca pela verdade.

Em suma, a subjetividade, segundo Lacan, é uma construção complexa, marcada pela linguagem, pela fragmentação e pelas relações intersubjetivas, com a falta e o desejo como elementos centrais na experiência do sujeito. Esse sujeito falante e faltante busca sua interpretação através da linguagem. Essa visão desafia as concepções tradicionais de uma identidade unificada e destaca a dinâmica do inconsciente na formação da subjetividade.

O sujeito, portanto, é criado no espaço da intersubjetividade, onde suas experiências são moldadas pelas trocas simbólicas. Além disso, Lacan introduz a noção de que o desejo está sempre ligado a um objeto que nunca é completamente definido ou acessível, o que ele chamou de objeto a. Esse objeto é fundamental para a configuração do desejo e para a determinação do sujeito. A psicanálise aparece como uma dinâmica de forças internas e externas, e a hermenêutica interpreta aquilo que Freud inicia e Lacan reinterpreta, traduzindo-a em uma nova forma de interpretação. De sujeito para objeto e para o mundo a psicanálise lacaniana busca através do conceito de transferência marcar intensamente as suas relações.

O ESTÁGIO DO ESPelho E A FORMAÇÃO DO EU

O estágio do espelho é uma das noções mais emblemáticas da obra de Jacques Lacan, introduzida inicialmente em seu texto “O Estágio do Espelho como Formador da Função do Eu”. Nesse conceito, Lacan descreve um momento crucial no desenvolvimento psíquico da criança, geralmente entre os 6 e 18 meses, quando o sujeito passa a reconhecer sua imagem refletida no espelho. Essa identificação com o próprio reflexo marca a emergência do “eu” como uma entidade unificada, ainda que ilusória, diante da experiência fragmentada do corpo vivida pela criança.

Essa fase é fundamental para a constituição do ego e para o desenvolvimento da identidade. O estágio do espelho inaugura o domínio do simbólico, ao abrir caminho para a entrada do sujeito na ordem da linguagem e das leis sociais que estruturam o inconsciente. Lacan enfatiza que “o ego é um constructo do imaginário que está em tensão constante com o inconsciente estruturado pela linguagem”.

O PAPEL DA TRANSFERÊNCIA NA ANÁLISE

A transferência é um conceito fundamental na psicanálise, especialmente no Seminário 11, envolvendo a significação e a interpretação que o analisante atribui às suas emoções e experiências na relação com o analista. Lacan é categórico ao afirmar que uma análise se dá na transferência de um eu para um Outro. “Não analisamos a transferência, tampouco a interpretamos, mas é sob seus trilhos que podemos operar nosso método.” Neste contexto, a transferência não é apenas um aspecto a ser analisado, mas o próprio veículo da análise.

Lacan propõe uma reinterpretação provocativa da noção de sujeito a partir da linguagem. Para ele, o sujeito não é um ser unificado, mas sim um ser marcado pela divisão e pela falta. O sujeito é constituído na intersecção dos significantes dentro do campo da linguagem e da relação com o Outro, um sujeito atravessado por desejos incessantes, carências estruturais, angústias existenciais e pela hiperestimulação promovida pela lógica da sociedade do espetáculo.

Nesta parte do trabalho, abordamos as experiências do sujeito faltante e falante em um contexto marcado pela incessante comercialização dos meios sociais e pela construção de necessidades artificiais. O sujeito contemporâneo consome diariamente muito mais do que seu corpo ou mente realmente necessita, resultando em um abafamento do verdadeiro eu. Essa identidade autêntica, frequentemente escondida atrás das redes sociais, é moldada por uma busca incessante por validação, onde seguidores se tornam avaliadores da vida de quem se torna famoso midiaticamente.

Esse fenômeno gera um paradoxo: enquanto a visibilidade nas redes sociais pode proporcionar uma sensação de conexão, resulta, paradoxalmente, em um profundo isolamento. O sujeito se vê aprisionado nas verdades ocultas que permeiam sua existência, mergulhando em uma complexidade que muitas

vezes é ignorada pelo olhar superficial das interações digitais. Por exemplo, a cena diante de um final de baile um casal de enamorados dançando sem pretensão dois homens possivelmente embriagados fazendo passos de dançarinos, agora ao olhar nos comentários a verdade que se encontra escondida: “algum dia: enquanto eles vivem suas vidas com realidade nós os julgamos não vivendo as nossas”

Nas redes sociais, que prometem transparência e autenticidade, a realidade se torna uma ilusão. O que é exibido frequentemente carece de profundidade, e, em vez de revelar, oculta as nuances da experiência humana. Ademais, vivenciamos uma era em que somos bombardeados por informações impactantes — mortes, atrocidades, feminicídios, corridas armamentistas e guerras, sejam elas reais ou cibernéticas. A efemeridade dessas notícias contribui para uma cultura de desensibilização, onde eventos significativos se dissipam rapidamente na memória coletiva. Vencedores que emergem do nada, frequentemente impulsionados por algoritmos e tendências momentâneas, alcançam o auge da fama, mas logo caem no esquecimento, sendo substituídos por novas informações que surgem a cada segundo. Sem falar nos realites shows que expõe a vida, as misérias, as alegrias de alguém que com suas necessidades busca uma validação sem nada levar em alguns meses seguintes. Nesse cenário, as bibliotecas físicas estão se esvaziando, enquanto os livros digitalizados, disponíveis para downloads instantâneos, criam uma falsa concepção de um eu saciado de informações. No entanto, essa abundância de dados muitas vezes carece de aprofundamento crítico, resultando em uma superficialidade que compromete o verdadeiro conhecimento. A quantidade de informações não se traduz em sabedoria; em vez disso, o sujeito se vê aprisionado em um ciclo vicioso de consumo de conteúdos ricos, sem a reflexão que move o entendimento e o crescimento pessoal.

Assim, a análise das experiências do sujeito contemporâneo revela um panorama desafiador, onde a busca por conexão e significado é frequentemente sufocada por uma cultura de consumo e superficialidade, especialmente nos relacionamentos. Reconhecer essa dinâmica é essencial para compreender as complexidades da subjetividade na era digital e para promover um retorno ao aprofundamento e à autenticidade nas relações humanas.

As redes sociais, nesse cenário, operam como espelhos deformados do desejo: expongão imagens idealizadas de vidas completas, realizadas e felizes, acentuando, assim, a percepção de inadequação e de carência no sujeito. Aquilo que é exibido do outro é apenas o recorte idealizado, o que se pretende mostrar. E, diante disso, quem observa se vê em déficit, incompleto. É nesse ponto que emergem a ansiedade e o desamparo — sentimentos que Freud já identificava no início do século XX.

A ERA DIGITAL E A SUBJETIVIDADE CONTEMPORÂNEA

Na contemporaneidade, a presença das tecnologias digitais e das redes sociais intensifica as dinâmicas de desejo e inadequação, refletindo as angústias e carências estruturais do sujeito moderno ou também de novas formas de relacionamento ou de comportamento e diferenciação e possível diferenciação de gênero. A relação do sujeito com a tecnologia também pode ser vista como uma nova forma de espelho, onde a identidade é constantemente moldada e remoldada através de interações virtuais e da apresentação de si mesmo.

As redes sociais permitem que os indivíduos construam uma identidade idealizada, mas também geram uma pressão constante para se conformar a padrões muitas vezes inatingíveis. Esse fenômeno pode ser analisado à luz do conceito de objeto a, onde o desejo se torna uma busca incessante por validação e reconhecimento, mas que nunca é plenamente alcançado.

Reconhecer a falta e a busca incessante por satisfação nos permite vislumbrar possibilidades de habitar a própria existência de maneira mais autêntica. A psicanálise se torna uma ferramenta valiosa para entender essa dinâmica contemporânea, oferecendo um espaço de escuta e reflexão sobre as complexidades da subjetividade moderna.

CONCLUSÃO

A teoria lacaniana oferece uma rica e complexa perspectiva sobre a constituição do sujeito, enfatizando a fragmentação da identidade e o papel central da linguagem na formação do eu. Através da transferência e do estágio do espelho, compreendemos como o sujeito é moldado por suas interações com o Outro e pelas marcas deixadas pelo inconsciente.

Assim, a psicanálise se propõe a ser um espaço de escuta e reflexão, adaptando-se às novas realidades e desafios que emergem na sociedade atual. A compreensão da subjetividade contemporânea, marcada pela tecnologia e pela constante busca por reconhecimento, reafirma a importância da psicanálise na análise das dinâmicas humanas e das complexidades do desejo.

REFERÊNCIAS

- Birman, J. (2006). *A Modernidade e a Subjetividade*. Rio de Janeiro: Editora UFMG.
- Codata, A. (2022). *A psicanálise e as novas tecnologias: um desafio contemporâneo*. São Paulo: Editora Blucher.
- Jorge, Marco Antonio Coutinho. *Fundamentos da Psicanálise de Freud a Lacan*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor.

Freud, S. (1900). **A Interpretação dos Sonhos**. Rio de Janeiro: Imago.

Lacan, J. (1949). **O Estádio do Espelho como Formador da Função do Eu**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor.

Lacan, J. (1953). **O Seminário 1: Os Escritos Técnicos de Freud**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor.

Lacan, J. (1973). **O Seminário 11: Os Quatro Conceitos Fundamentais da Psicanálise**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor.

Lacan, J. (1975). **O Seminário 20: Mais Além do Princípio do Prazer**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor.

Sibilia, P. (2014). **A sociedade do cansaço**. São Paulo: Editora 34.